

EXPERIÊNCIAS EM ESTÁGIO CLÍNICO PSICOLÓGICO: REFLEXÕES POSSÍVEIS ENTRE A TÉCNICA E O CUIDADO CLÍNICO

Jonathan Fon Garcia¹; Vínicius Araújo da Silva²; Cícero Bezerra Melo Netto³

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: jonathanf.g@outlook.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: vini22as@gmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: ciceronetto@umc.br

Área de conhecimento: Psicologia

Palavras-Chave: Psicologia; Estágio clínico; Experiências; Técnica; Cuidado.

INTRODUÇÃO

A prática de estágio supervisionado tem como objetivo propiciar uma vivência da profissão, com o intuito de fornecer, de forma prática, o aprendizado das atividades profissionais junto à contextualização teórica (GUARAGNI e CHAVES, 2017). Conforme apontam Bisol, Alquatti e Gonem (2017), as experiências em tal âmbito são geralmente preenchidas por inquietudes com o "não saber" a respeito dos conteúdos que se apresentam no desenrolar das práticas. Segundo Sá (2010) Parece existir entre os estagiários iniciantes, grande preocupação com o sucesso efetivo dos atendimentos, além disso, tais estudantes aparentam sentir-se angustiados em relação ao controle das sessões. Ainda segundo o autor, devido a ânsia de "mostrar serviço", este deseja, boa parte das vezes, obter do supervisor procedimentos "apriorísticos" sobre "o que fazer" e "como fazer. Tais características parecem ser bastante alinhadas com os entendimentos de Heidegger (2007) a respeito do sentido e finalidade da técnica na modernidade, a saber: eficiência e resultado a qualquer custo.

OBJETIVOS

Este estudo teve como objetivo geral refletir sobre as possíveis relações do cuidado clínico de estudantes de psicologia com a prática do estágio, e qual o lugar que o mesmo ocupa no imaginário de uma amostra de estudantes universitários, e como específico: a) reunir relatos sobre experiências do estágio clínico de estudantes de psicologia; b) entender como se dá relação com o estágio clínico entre estudantes de psicologia; c) compreender algumas dificuldades no âmbito do estágio clínico; d) Identificar sugestões de mudanças na grade curricular, ou, no processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritiva e exploratória, que se utilizou da metodologia da História Oral Temática que, conforme apontado por Meihy (1991). O estudo foi submetido e aprovado pelo CEP/CONEP (CAEE: 16844719.4.0000.5497 e Parecer CEP/CONEP: 3.524.083). Participaram da pesquisa 15 (quinze) alunos do curso de psicologia, de uma Universidade do alto Tietê que cursavam entre o 9º e 10º semestre. A coleta de dados foi feita a partir da realização de uma entrevista aberta, e gravada, com o consentimento do entrevistado, a partir da seguinte pergunta disparadora: "*Pode nos contar sobre a sua experiência até aqui no estágio clínico?*". As falas dos entrevistados foram analisadas a partir da transcrição literal, textualização, transcrição, e cartografia. Assim, foram escolhidos relatos a partir de um critério de exemplaridade: narrativa de depoimentos reveladores do mérito da questão. A partir disso, foram escolhidos recortes desses depoimentos, entrelaçados com reflexões dos pesquisadores, como tentativa de encontrar

sentido e refletir tais questões à luz de alguns pontos do pensamento de Martin Heidegger, em busca de desvelar-se as possíveis relações do cuidado clínico de estudantes de psicologia com a prática do estágio, e qual o lugar que o mesmo ocupa no imaginário de uma amostra de estudantes universitários

RESULTADOS/ DISCUSSÃO

Durante as entrevistas, um dos temas emergentes nas falas dos participantes foi a questão das expectativas em relação ao estágio.” Dentre tais, as que mais apareceram nos relatos dos depoentes estavam relacionadas com a tonalidade afetiva do medo: “Eu tinha medo desse dia chegar. Medo de não saber, de ter aquela sensação: nossa! não sei nada!” (E8); “No primeiro momento, deu muito medo, porque tinha muita responsabilidade envolvida, estar de fato com o cliente, em uma sessão, em que ele falaria alguma coisa pra mim, de alguma dificuldade, que eu não saberia qual que era de antemão” (E11). Segundo Pompéia e Sapienza (2011), o Dasein, compreendido como ser-no-mundo, já sempre está disposto de certo modo, sendo tal maneira de se encontrar denominada Disposição, um existencial, ou seja, algo constitutivo do existir do ser-aí, entrelaçado a todo comportamento e compreensão. Ainda segundo os autores, é no mundo fático que as disposições se manifestam e se concretizam como tonalidades afetivas. Estas se referem aquilo que, cotidianamente, nomeamos como afetos, emoções e sentimentos. O medo pode ser considerado um dos sentimentos mais primários dos ser humano e está diretamente ligado à sobrevivência, como tonalidade afetiva, é a postura assumida à uma possibilidade que se remete a nós. É uma relação com algo que se apresenta ameaçador, como uma possibilidade de destruição daquilo que se é (FEIJOO, 2011). Contrariamente às expectativas iniciais, grande parte dos estagiários, ao longo da atuação no âmbito clínico parecem ter compreendido que o fazer clínico não é uma mera aplicação de técnicas, assemelhando-se mais com um trabalho artesanal, construído de maneira cuidadosa: “Porque não é qualquer coisa e tudo bem, por exemplo, você usa uma técnica, mas tem que saber se a pessoa aguenta aquela técnica, se ela está em condições de receber o que aquela técnica pede” (E9). Os estagiários, de maneira geral, preocuparam-se em estabelecer uma relação com o paciente, para aproximar-se mais desse que o “pro-cura”, que pede para ser cuidado, ser escutado e que o ajude a construir o caminho rumo à liberdade, não que o façam por ele. Ainda assim, percebe-se certa necessidade de visualizar uma evolução no paciente, ou seja, ainda é um cuidar marcado por referências tecnicistas, onde se espera algo: “Nessas duas experiências que, vamos dizer que foi mais fixa, porque teve continuidade, eu consegui perceber, e a pessoa também, essa evolução, do início do atendimento até o encerramento do semestre” (E10). Parece compreensível que, como futuros profissionais da saúde, se queira ver um resultado tido como positivo para o paciente, “vê-lo melhor do que entraram”, entretanto, duas objeções são possíveis: como avaliar se o paciente está melhor, partindo do referencial do terapeuta? E se, no caso de o paciente não obter uma melhora visível, tudo o que fez foi então conversar? Quando o paciente desiste, a culpa é, exclusivamente, do terapeuta? Segundo Sá (2017), só o falar sobre uma experiência com alguém já é, em si, algo terapêutico, uma vez que o ato de discorrer sobre sempre exige uma apropriação da própria experiência. Portanto, não se pode ignorar o poder das palavras para o contexto clínico. Uma palavra dita de maneira mal formulada pode fazer com que uma pessoa considere, inclusive, possibilidades danosas para a saúde. Nesse sentido, é importante ater-se mais ao caminho percorrido com o paciente, do que o resultado esperado pelo analista. Entretanto, como tal caminho é construído? quais práticas são então indicadas? seria o de não esperar nenhuma “melhora”? não utilizar nenhum instrumento técnico? atuar num vazio de referências e expectativas?. Heidegger (2000 apud SÁ 2017) propõe um outro modo de abertura, denominado pelo autor como serenidade (Gelassenheit), diz propriamente de uma disposição mais aberta e desapegada em relação aos entes em geral. Entretanto, tal modo de dispor-se não significa passividade, pois está fora do âmbito do querer, mas sim de um aguardar que se difere de ter expectativas, pois não possui um objeto definido, mas sim segue o caminho do aberto em busca do sentido

de ser (HEIDEGGER, 2000 apud SÁ, 2017). Portanto, percebe-se uma expectativa de ver outro melhor, o que pode ser apenas uma ilusão do estagiário, pois parte da própria perspectiva deste. Os terapeutas iniciantes têm um acompanhamento ao longo dos estágios, que são feitos por professores capacitados para supervisionar os casos atendidos. Ainda assim, há também, nesse espaço que denominaremos de supervisão, os demais estagiários que, na grande maioria das vezes, auxiliam com falas pontuais sobre o caso que é narrado no grupo. Em relação aos supervisores, o que os entrevistados mais destacaram foi o suporte, tanto em relação a apontamentos sobre o caso e recomendações de bibliografia, quanto na abertura para com os alunos de maneira a tranquilizá-los e deixá-los criar a próprio maneira de atender: “Essa questão do professor te dar abertura para você fazer o seu atendimento, ao seu modo e fazer essas correções ou fazermos os apontamentos na supervisão, também é um modo da gente aprender melhor” (E1). Embora a maioria das falas tenham ocorrido de maneira a elogiar e explicitar o papel importante do supervisor houveram também experiências desagradáveis, tais como: “O meu estágio em clínica I foi muito ruim, era um dia aqui que doía para mim [...] se não rolar um clima ali entre você e seu orientador, se ele não for tão legal, tão acessível, eu acho que fica muito difícil”(E8). Em outras palavras, os supervisores e estagiários devem ter uma relação aberta e de confiança, na qual o estagiário pode falar sobre o caso de forma a não se sentirem sempre julgados e avaliados, evitando, por exemplo que este selecione o material a partir do que acha que o supervisor pode gostar ou não (BARLETTA, FONSECA, DELABRIDA, 2012), assim como o supervisor deve ser menos hierárquico, buscando aproximar-se da experiência dos alunos e auxiliá-los ao longo do semestre, algo que apareceu em grande parte dos relatos, embora haja experiências dissonantes. Entretanto, na supervisão, também há a relação entre os estagiários, algo que, segundo os depoentes: “ Foi bem tranquila [...] a orientadora pedia a nossa opinião sobre o caso dos demais, e a gente debatia todo mundo junto” (E2). “você acaba participando também daquele caso, do caso que a pessoa está atendendo, acaba contribuindo e a pessoa contribui com o seu e isso ajuda muito no nosso raciocínio clínico” (E6). Além disso, existem alguns aspectos que influenciam as práticas dos estagiários, tais como a dificuldade em conciliar as atribuições da vida acadêmica com as pessoais e profissionais, Tal como exposto nos exemplo a seguir: “A minha carga é tão pesada, entre trabalho, estudo e família [...] Meu trabalho demanda em casa também, então eu sempre tô na frente do computador, fazendo relatório ou trabalho [...] Hoje, por exemplo, eu não dormi” (E15). O estágio em psicologia clínica é obrigatório para a conclusão do curso. Segundo o relato de grande parte dos estagiários, a grade do curso e a didática dos professores os capacitaram minimamente para a atuação em tal âmbito: “Academicamente falando, pra mim, é tudo muito legal, os estágios que a gente faz, a oportunidade de ter um clínica, de ter opções, porque, não é só aqui, tem a policlínica, tem o hospital, tem estágio de comunitária, então, isso é muito amplo” (E5). Porém, alguns estagiários fazem críticas a respeito da grade:” A questão da grade é outro ponto. A faculdade deixa a gente muito jogado. A gente tá no começo do curso, os professores pressionam tanto a gente, fala tanto o que a gente não pode fazer, que eles esquecem o que a gente pode fazer” (E7). Porém, apenas dois entrevistados falaram sobre a implicação do aluno no próprio processo de aprendizagem: “É um pouco de responsabilidade da grade curricular, mas também do próprio aluno, de não buscar, ir atrás e achar que o slide mastigadinho que recebeu, a xerox, vai suprir, e não vai não” (E3).

CONCLUSÕES

Com base nas falas dos entrevistados, pode-se concluir que, durante a realização dos estágios de clínica, há inúmeros fatores que perpassam a experiência dos terapeutas em formação, tais como as expectativas sobre como será o estágio, o desdobramentos dos atendimentos, a relação com o supervisor e os demais membros do grupo, a dificuldade de conciliação entre os afazeres da faculdade e os da vida pessoal, assim como a influência da grade do curso de Psicologia. Não obstante, é importante destacar também que, inicialmente, grande parte dos entrevistados tinha uma visão resultadista e estereotipado sobre o cuidado

clínico, algo que é pertinente a época atual, da técnica moderna que, segundo Silva e Freitas (2019) é o modo de desocultar a verdade enquanto veritas, presente no cerne do pensar calculador e que se dirige como um instrumento a ser utilizado para obter determinados resultados previamente estipulados, precisos e perfeitos. Diferindo-se de tal modo de conceber a realidade, a técnica grega busca deixar vir à presença algo que não se mostrava, do ou no ente, e que se dá pelo comprometer-se dos quatro modos de ocasionar (SILVA e FREITAS, 2019). Ao decorrer dos atendimentos clínicos, grande parte dos terapeutas afirmaram notar uma mudança no modo de ser com o paciente, que se deu de maneira mais livre, espontânea e aberta, assemelhando-se mais ao trabalho do artesão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARLETTA, Janaína Bianca; FONSECA, Ana Lucia Barreto da; DELABRIDA, Zenith Nara Costa. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicol. Teoria e Prática**, São Paulo, v. 14, n.3, p. 153-167, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872012000300013&lng=pt&nrm=iso.

BISOL, Cláudia; ALQUATTI, Raquel e GONEN, Thays. Encontro com a Psicanálise: experiências de estágio em uma clínica-escola. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**.v. 17, n. 3, p. 1200-1216, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/37709>.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo. **A existência para Além do Sujeito**: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011. 207 p.

GUARAGNI, Cristiane; CHAVES, Alice Grasiela Cardoso Rezende. Estágio supervisionado: uma pesquisa com estudantes de psicologia. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 9, n. 3, p.96-111, 4 nov. 2017. Editora Univates.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da Técnica**. SCIENTLE STUDIA, São Paulo. v. 5, n.3, p. 375- 398. 2007.

MEIHY, J. C. S. B.; **Canto de morte Kaiowá, história oral de vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Os dois nascimentos do homem**: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.

SÁ, Roberto novaes de. Para além da da técnica: **ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado**. Ed. Via Verita. Rio de Janeiro, 2017.

SA, Roberto Novaes de; AZEVEDO JUNIOR, Oditon; LEITE, Thais Lethier. Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 135-140, dez. 2010.

SILVA, Nayane Aparecida da Costa; FREITAS, Joanneliese de Lucas. "A questão da técnica" em Heidegger: considerações sobre a clínica psicológica. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 11, n. 1, p.137-156,abr,2019.

DEDICATÓRIA

Ao querido professor Cícero Bezerra Melo Netto pelas orientações, apoio e carinho com o projeto. Agradecemos também aos familiares e amigos que sempre estiveram conosco nessa caminhada, assim como aos participantes da pesquisa.